



**CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO**

GILBERLANE BENTO DE SOUZA

**Reflexos da educação brasileira no século XIX, em *O Ateneu*,
de Raul Pompéia**

Guarabira- PB

2011

Gilberlane Bento de Souza

Reflexos da educação brasileira no século XIX, em *O Ateneu*, de Raul Pompéia

Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba –
Campus III, em cumprimento aos
requisitos para obtenção do grau de
licenciada em Letras, sob orientação
da prof^a Doutora Wanilda Lima Vidal
de Lacerda.

Guarabira – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719r

Souza, Gilberlane Bento de

Reflexos da educação brasileira no século XIX, em O Ateneu de Raul Pompéia / Gilberlane Bento de Souza. – Guarabira: UEPB, 2011.

55f.: Il. Color.

Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”.

1. Educação Brasileira 2. O Ateneu 3. Século XIX
I.Título.

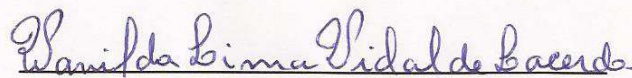
22.ed 370

Gilberlane Bento de Souza

Reflexos da educação brasileira no século XIX, em *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da UEPB, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Português.

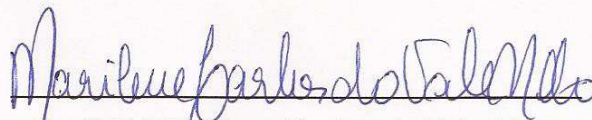
Aprovado em 29 de novembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA



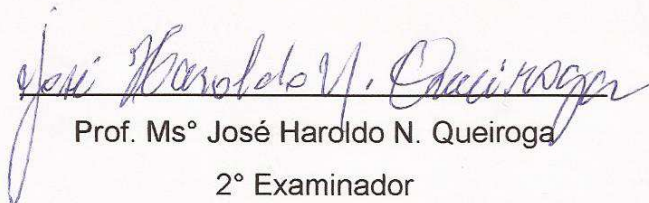
Prof^a Dr^a Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Orientadora



Prof^a Dr^a Marilene Carlos do Vale Melo

1^a Examinadora



Prof. Ms^o José Haroldo N. Queiroga

2^o Examinador

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes a minha vida: meus pais, M^a Salete e Gilberto Bandeira, que em um ato de amor e coragem sempre me apoiaram e me ensinaram que a Educação é a maior conquista que se pode obter.

Agradecimentos

A professora Wanilda por seu incentivo, confiança e paciência na vida acadêmica e na orientação deste trabalho.

Àqueles a quem eu amo: minha família, pela credibilidade e por todos os momentos de tristezas e alegrias, lutas e glórias.

Aos professores que contribuíram para o despertar de um novo olhar no mundo do conhecimento.

Aos meus colegas de turma e dos corredores, pela amizade. Em especial, Simone Galdino e Paulo Hipólito, pelo companheirismo na aprendizagem.

A minha amiga Erigra Belo por ter me presenteado com o livro *O Ateneu* quando estudávamos no Ensino Fundamental, romance que veio a tornar-se tema deste TCC.

A todos que contribuíram com suas conversas, sorrisos, indicações, companhia, caronas... na construção desta realidade.

Àquele que me fortaleceu em todos os momentos, me guiando e conduzindo em cada passo dessa conquista: Deus.

“A educação não faz almas; exercita-as. E o exercício moral não vem de belas palavras, mas das dificuldades das circunstâncias”. (POMPÉIA, 1997)

Reflexos da educação brasileira no século XIX, em *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Autora: Gilberlane Bento de Souza

Orientadora: Dr^a Wanilda Lima Vidal de Lacerda

RESUMO

O presente trabalho aborda o livro *O Ateneu*, de Raul Pompéia contemplando o espaço escolar e os procedimentos educacionais neles caracterizados. Trata-se de um romance Realista/Naturalista que nos proporciona uma visão do Brasil em seu contexto sócio-político, cultural e educacional em pleno século XIX. Nessa narrativa, destaca-se um internato para rapazes, filhos de famílias ricas, que recebiam uma rigorosa educação realizada com muita autoridade, obediência, constrangimento e punição. Embora, se tratasse de um internato reconhecido socialmente como modelo de educação, realizava os procedimentos educacionais através do comando e da moldagem do ser. Para melhor apreendermos nosso estudo no processo de “modelação” do ser, nos fundamentamos sobretudo em Foucault e Goffman. Portanto, realizamos pesquisa bibliográfica em textos, livros e revistas voltados à análise das contribuições sociais, culturais e literárias, em volta da narrativa. Este trabalho encontra-se dividido em três partes: a primeira é o contexto sócio-político e cultural do Brasil no século XIX, período de transformações de pensamentos e atitudes que marcaram a história brasileira. Na segunda parte, breves considerações em torno da educação no século XIX, que esteve direcionada ao sexo masculino de famílias ricas e, a terceira, os reflexos da educação em *O Ateneu*, um espaço de poder, de hipocrisias e de individualidade.

Palavras-chave: *O Ateneu*, Educação, século XIX.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO E CULTURAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX.....	11
3 BREVES CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX.....	16
4 REFLEXOS DA EDUCAÇÃO EM O ATENEU.....	20
4.1 O colégio como espaço físico.....	20
4.2 A heterogeneidade no Ateneu	22
4.3 O currículo escolar.....	24
4.4 A prática pedagógica	26
4.5 O processo de avaliação e o “livro da capa de couro”.....	31
4.6 O diretor Artistarco.....	34
4.7 Autoritarismo e descaso da educação do século XIX.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES.....	43

1 INTRODUÇÃO

Os discursos voltados para educação, em sua maioria, defendem a escola como uma instituição de caráter democrático que deseja elevar as condições de vida do ser, oferecendo-lhe a oportunidade de exercer sua cidadania.

Este é o discurso e o que se deveria esperar, mas a prática, nos revela que a escola busca responder às necessidades da sociedade, refletindo as contradições que caracterizam as diferenças sociais que nela estão inserida, em um determinado momento.

Para tratar desta questão tomamos como *corpus* *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Buscamos subsídios na Literatura, mais precisamente sobre o período literário em que se acha inserido o Realismo. Essa narrativa, apesar de não ter dado ênfase à educação, embora fosse um de seus interesses, nos proporciona uma visão de como a educação se desenvolveu naquela época.

O século XIX foi um período de muitas mudanças de ideias que repercutiram nas transformações econômicas e sociais do Brasil. A educação era predominantemente masculina e para os filhos de famílias abastadas. Na escola, os privilégios aconteciam conforme o poder econômico de cada família e seu papel era desenvolver o que desejava a sociedade.

Influenciado pelas teorias científicas e filosóficas da época (positivismo, determinismo, darwinismo) e as ideias realistas/naturalista, Pompéia faz um paralelo entre ficção e realidade, proporcionando um leque de informações que nos permitem analisar a educação institucional da época, expondo nitidamente que a escola não pode ser diferente do que é a sociedade.

Ele retrata sob o olhar do narrador-personagem, Sérgio, a experiência, no internato. A narrativa, também, nos permite fazer uma leitura do Brasil e suas transformações no século XIX.

Trata-se de um confronto entre a memória da infância retratada na visão de um adulto, pois é o registro da existência do famoso internato Abílio, no Rio de Janeiro, o qual era administrado pelo Dr. Abílio César Borges conhecido como Barão de Macaúbas. Na ficção, o internato *O Ateneu* é dirigido pelo rigoroso Dr. Aristarco Argolo de Ramos.

Relacionando biografia e a crítica pedagógica formal desenvolvida em O Ateneu, o colégio é símbolo da Educação para ricos do Brasil, a “fina flor da mocidade brasileira”, da segunda metade do século XIX. Nela encontramos o autoritarismo na escola, um poder centralizador e uma ambiguidade do ensino particular, na figura do seu diretor, que enquanto administra o ensino, administra também sua ambição pelo dinheiro.

Observando o mergulho do menino Sérgio no mundo de O Ateneu, percebemos os diversos mecanismos utilizados para o controle, a modelação e a construção do indivíduo. O corpo é matéria prima da disciplinarização, que recebe diretamente os anseios característicos da identidade social da época. O ingresso de Sérgio nesse mundo lhe rendeu mudanças significativas, pois chegou ao colégio com uma concepção de si, influenciado por seu mundo doméstico, como afirma Goffman (1987, p. 24). Ao ingressar no internato, começou a perder sua identidade, passando por sérias humilhações e degradações perdendo o conceito que tinha de si, das pessoas e de sua crença, absorvendo o processo de institucionalização do indivíduo.

O suporte teórico do presente estudo é, sobretudo, a contribuição da leitura de Goffman e Foucault, entre outros, autores que nos enriqueceram na compreensão dos processos de “modelação” do ser, de modo específico, no contexto da instituição educacional.

O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica em artigos, livros e revistas voltados à análise das contribuições sociais, culturais e literária em volta da narrativa trabalhada. Encontra-se dividido em três partes: a primeira apresenta o contexto sócio-político e cultural do Brasil, no século XIX, de que Pompéia fez parte. Trata-se de um período de lutas, conquistas, de mudanças de pensamentos e atitudes que marcaram a história do país.

Na segunda parte, fazemos breves considerações em torno da educação no século XIX, direcionada ao sexo masculino de família abastada, ao contrário da educação das mulheres que recebiam “algumas” orientações em casa e eram direcionadas aos afazeres do lar.

A terceira parte retrata como ocorria a educação, através da personagem Sérgio, que aprende, na própria pele, as regras do grande mundo escolar; um espaço de poder, de hipocrisia, de interesses sociais e de individualidade.

Também encontram-se, no apêndices, informações que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa a respeito de Raul Pompéia, do Colégio Abílio e sobre Abílio César Borges, diretor do internato Abílio, na cidade do Rio de Janeiro, educador instruído e reconhecido por seu desempenho administrativo e educativo em todo território brasileiro.

O autor do *Ateneu* estudou neste afamado colégio, tornou-se amigo do diretor e transpôs para ficção, conforme sua concepção, a realidade ali vivenciada.

2 O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO E CULTURAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX

A literatura revela-se como um bom caminho para a compreensão das concepções de um momento histórico, bem como para o de favorecimento do estudo comportamental psicossocial e político (BACCEGA, 2003). O texto literário oportuniza compreender ideias, sentimentos, costumes, inibições e angústias da sociedade de uma época.

Um dos períodos mais expressivos e turbulentos da história social brasileira foi o vivenciado por Raul Pompéia. No seu passageiro momento de vida - desde o nascimento, em 1863, até sua morte em 1895 -, o Brasil foi marcado por importantes transformações econômicas e sociais. Nessa época, a população presenciou uma revolução no mundo das ideias que repercutiram no país: a industrialização, a abertura dos portos, as ideias de uma república e o fim da escravidão entre outras.

Essas mudanças de pensamento direta ou indiretamente podem ser vistas na literatura por elementos históricos ou temáticos. Para Castello (2004), o processo de modernização cultural ganhou força com a vinda Dom João VI para o Brasil, em 1808.

Os anos 1860 trouxeram consigo a decadência das fazendas produtoras de café influenciadas pela falta de mão de obra devido ao fim do tráfico negreiro e as acentuadas campanhas abolicionistas. Nessa época, no Rio de Janeiro, nas terras paulistas e mineiras expandem-se os cafezais. Com a grande produtividade, o café tornou-se monopólio das exportações brasileiras.

O conflito religioso entre a Igreja Católica e a Maçonaria fez com que o Imperador D. Pedro II perdesse um de seus pontos de sustentação. O sistema imperial entrou em declínio, por volta dos meados de 1880 causado pelas situações que abalaram os mais diversos segmentos da sociedade brasileira. A Guerra do Paraguai acarretou um agravante ao problema, pois os militares reivindicavam maior participação na vida política, e a República era o meio ideal que o levariam a essa participação.

Outro aspecto intrigante foram os intermináveis três séculos de regime escravista, consolidado no período colonial e mantido depois da independência.

Ser dono de escravos não denotava, apenas, ter braços para trabalhar na lavoura cafeeira, porém era um investimento financeiro altamente lucrativo para muitos fazendeiros. As ideias de progresso e civilização não compartilhavam desse modelo de exploração da mão de obra e passou a ser um obstáculo que deveria ser enfrentando.

Luís Gama e Antônio Bento foram exemplos para muitos abolicionistas, entre eles Raul Pompéia¹, os quais atuaram no incentivo à fuga e contra o açoitamento de escravos fugidos das fazendas. No Brasil, a abolição da escravatura, foi um movimento social que teve a importante contribuição dos homens que estavam à frente da imprensa os quais se dedicaram à campanha acelerando o processo de mudanças e rompendo os paradigmas.

O governo, na época, era composto pelos empregados públicos, a elite política e intelectual. Os ministérios refletiam a situação de um país, cuja administração e a constituição eram ajustadas conforme a oligarquia rural e o trabalho escravo. Devido os desmandos e abusos de poder, os espaços dos jornais eram tomados pelo assunto que ganhava atenção e discussão do Parlamento. Contra esse público e o sistema de ideias direcionadas aos objetivos políticos deles, Pompéia protestou escrevendo uma crônica, que documenta o seu envolvimento contextual da época de que destacamos o seguinte trecho:

O projeto Pinhal, para honra da província de São Paulo, cairá na (Assembleia) Provincial. É o que consta à imprensa. Cairá de ventas, arrastando consigo as pretensões dos dous únicos liberais que, dizem, terão a audácia de votar por ele, o autor e um célebre João Silveira, Deputado do Parlamento pela bossorocas de Casa Branca... Para que não adiantemos com muito entusiasmo os nossos aplausos oferecidos à Província de São Paulo, chega-nos de Limeira, pelo Diário Popular, a notícia de uma grande feira de carne humana naquela cidade. A examinar a mercadoria, havia até republicanos! Desejaríamos estar presentes à tal feira, para ver que cara tem esta espécie de gente que embrulha na mesma confusão de ideias a opinião republicana e o faro de mercador de escravos. Enquanto na província das estradas de ferro e da iniciativa particular, não se houver acabado com esta vergonha dos mercados de carne humana, frequentados, para cúmulo de ironia, por indivíduos que se anunciam republicanos, enquanto o liberalismo do Senhor de Pinhal tiver a coragem de fazer escândalos como o da última tentativa, não há subvenção provincial a companhias líricas que consigam demonstrar em contrário da má recomendação que valem tais misérias à grande província. (COUTINHO, 1983, p. 81).

¹ Pompéia, embora desconhecido pela história escravocrata, participou ativamente ao lado de Luís Gama e seus seguidores, tanto na defesa intelectual, como na ajuda para a concretização de fugas de escravos que sofriam abusos excessivos de seus donos, os encaminhado para o norte onde primeiro a abolição foi declarada.

Não tendo como controlar a situação, o Império cedeu às manifestações libertárias e eliminou o escravismo em 13 de maio de 1888. Foi um novo marco na história brasileira que teve, nesse momento, a preocupação com a construção de uma nova nação.

O contexto da abolição da escravatura acarretou mudanças para o mercado interno e alterou as relações de trabalho. Ocorreu ainda uma diversificação dos grupos sociais, bem como das ocupações profissionais. Uma parte considerável destes grupos tornou-se republicano participando de campanhas e escrevendo em jornais, cujo partido político foi fundado em 1870. Escritores, como Raul Pompéia, ingressaram nesse movimento.

Após a conquista da abolição da escravatura e da República, a década de 1890 foi marcada por conflitos em que republicanos dividiram-se entre a sucessão militar do Marechal Floriano Peixoto, optando por um posicionamento mais rígido devido à fragilidade e insegurança do momento, e uma possível candidatura da autoridade civil. Período de intrigas que só chega a um fim após o luto dos florianistas, e a posse do primeiro presidente civil brasileiro, Prudente de Moraes.

O desenvolver do processo histórico brasileiro, no século XIX, implicou na complexidade das condições políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais.

Como contribuidora da compreensão desse momento histórico, revela-se a literatura com o Realismo favorecendo o estudo social, de ideias, sentimentos, cultura, angústias e inibições da época. Os escritores românticos prepararam o terreno para a chegada dos realistas, que objetivavam a realidade do momento histórico e sociopolítico do século XIX.

O Darwinismo e o Positivismo influenciaram o pensamento europeu e, com isso, ganharam destaque apresentados pelos romancistas em suas obras, as quais ganharam a Europa e depois o mundo; “cresceram os trabalhos que almejavam explicar a sociedade e os fenômenos naturais, por intermédio do conhecimento científico” (BOSI, 2006, p. 193). Os simpatizantes do Determinismo de Hippolyte Taine demonstravam em sua obra de arte a influência de três fatores: o meio, o momento e a raça.

Raul Pompéia, por ter sido influenciado por esses pensamentos e vivenciado as modificações trazidas pelo Realismo e Naturalismo, inseriu em *O Ateneu* forças naturais e sociais, retratando o homem, natureza, ambiente social,

educação, instintos, conflitos dramáticos, desfechos catastróficos, num pessimismo que contrasta com os muitos finais felizes dos romances de folhetins até então.

Esse período foi rico e diversificado para a literatura brasileira. O Romantismo, o Naturalismo e o Realismo marcaram a cultura e a literatura e até o final do século XIX. “A importância desse período é completada pela oratória civil, os estudos históricos, os escritos publicistas, a gramática, a crítica literária” (BOSI, 2006, p. 213). É caracterizado pela dedicação de revisar e investigar a realidade do Brasil, seja no nível mais preciso do jornalismo, seja nas sínteses dos discursos e ensaios.

O Ateneu oferece todo esse olhar de diversidade e modificação que ocorreu no século XIX, pois foge de qualquer padrão literária; apresenta elementos realistas, naturalistas, impressionistas e expressionistas. Escrito em primeira pessoa, ultrapassa uma decepção autobiográfica que narra a passagem da fase infantil para a fase adulta, através da memória de Sérgio, já adulto, que apresenta suas experiências do colégio interno.

Sobre seu romance Alfredo Bosi (2006), comenta:

Raul Pompéia partilhava [...] o dom dos memorialistas e a finura da observação moral, mas no uso desses dotes deixava atuar uma tal carga de passionalidade que o estilo de seu único romance realizado, *O Ateneu*, mal se pode definir, em sentido estrito, realista; e se já houve quem o dissesse impressionista, afetado pela plasticidade nervosa de alguns retratos e ambientes, por outras razões se poderiam nele ver traços expressionistas, como o gosto com que deforma sem piedade o mundo do adolescente. (p. 183).

O Ateneu, na concepção de Mário de Andrade, é uma vingança do autor para com a sociedade, pois nele são ressaltados aspectos subjetivos e psicológicos, tais como patologias sexuais, situando o romance entre o naturalismo e o realismo (apud ABDALA JUNIOR; CAMPEDELLI, 1986, p. 150), além de mencionar o processo da educação brasileira do século XIX.

Lúcia Miguel Pereira, crítica literária, apresenta *O Ateneu* como um:

[...] misto de romance e memória, [...], também na feitura era complexo: oscilava entre as insinuações de Machado de Assis e as ousadias dos naturalistas, variava no estilo da sobriedade ao rebuscamento; a julgar pelo tema para um *roman à cleg* [...], caricatura de um colégio famoso da época, o Colégio Abílio, uma crítica aos internatos, à sua ação desmoralizadora; na essência, porém, nada mais era que o drama da solidão. (apud ABDALA JUNIOR; CAMPEDELLI, 1986, p. 150).

O *Ateneu*, apesar de ser um romance memorialista, apresenta a relação humana e do cotidiano da época, retrata os procedimentos educacionais do século XIX: autoritário e repressivo.

Esse procedimento educacional é um dos aspectos que nos leva a um melhor entendimento das transformações ocorridas no período e é o tema que abordaremos em seguida.

3 Breves considerações em torno da educação no século XIX

Do início da colonização até o século XVIII, a Educação no Brasil, esteve a cargo de religiosos, entre eles, os jesuítas, que criaram colégios e seminários que também serviram como locais de ensino e assumiram a Educação de uma elite, branca, que dominava o poder colonial. O ensino assumiu, portanto, um caráter que visava “[...] à preparação dos filhos dos colonos brancos para futuros estudos complementares na Europa”. (FRANCISCO FILHO, 2001, p. 26).

No século XVIII, ocorreram as reformas pombalinas, em Portugal, as quais se refletiram em todas as colônias portuguesas. Elas visavam à importância da educação para o desenvolvimento do Estado. Dessa forma, diminuiu a influência da Companhia de Jesus culminando com a expulsão dos mesmos de Portugal e de todo seu domínio. Apesar, do “desmantelamento do sistema jesuítico, não se criou outro sistema à altura para substituí-lo, ou seja, não foi criado outro sistema organizado para ocupar o espaço específico na área educacional da elite”. (FRANCISCO FILHO, 2001, p. 28), que continuou até o século XIX.

O conhecimento era concebido segundo o status social, prestigiado pela vida na Corte, pelas atividades públicas, pelo regime parlamentar, em que era indispensável a retórica, herança do sistema educacional jesuítico, verificando-se um vazio indefinido com a quase total ausência, no que diz respeito à Educação popular.

Quando o Brasil tornou-se sede da Corte portuguesa, surgiu a necessidade urgente de melhor organização no âmbito educacional. A cultura e o ensino começaram a ser vistos com um novo olhar. Iniciou-se a mudança no cenário cultural para abrigar a Corte. A imprensa floresceu e o ensino superior teve uma atenção diferenciada. A Educação atendia à filosofia-literária, destacando-se o bacharelismo. O trabalho braçal e mecânico eram vistos como trabalho para classe social baixa. As palavras de Aranha (2000, p. 151) sintetizam a questão: “[...] no século XIX ainda não há propriamente o que poderia ser chamada de uma pedagogia brasileira”.

Com a abertura dos portos da colônia às nações amigas em 1808, o ensino brasileiro recebeu uma atenção voltada exclusivamente ao campo profissional, pois era preciso profissionais qualificados para atender à clientela que estava alterando

seus hábitos devido a grande quantidade de mercadoria e o aumento de casas comerciais.

O século XIX, juntamente com a Proclamação da República foi marcado, como já nos referimos anteriormente, por várias transformações sociais e econômicas trazendo consigo a consolidação do capitalismo e a modernização das cidades.

Esses fatores contribuíram para o período inicial de instituição de escolas femininas no Brasil pela missionária Martha Watts, até então, uma exclusividade do sexo masculino e prestígio de quem nasceu em uma família economicamente bem sucedida, embora desde 15 outubro de 1827 tenha ocorrido a promulgação da legislação determinando o direito das moças a frequentarem um estabelecimento de ensino, de exclusividade feminina, em que professoras norteariam sua aprendizagem.

A Educação feminina era orientada por um campo totalmente diferente da Educação masculina. Nela buscava-se fazer das moças boas mães, boas esposas, já que o discurso moralista pregava que a participação das mulheres no mercado de trabalho seria um “pecado”, afirmando que elas abandonariam o lar, os filhos e o marido, sendo mal vistas pela sociedade.

As alunas teriam um curso que se concentraria em tópicos elementares: leitura, escrita, as quatro operações, aritméticas, gramática, princípios de moral cristã e prendas domésticas, como bordados e demais trabalhos com agulha, estes últimos exclusivos na formação de meninas. (JINZENJI, 2011, p. 81).

Em virtude desse contexto, em que as mulheres estavam inseridas, o acesso delas à educação era bem restrito. Apenas algumas mulheres da elite conseguiram estudar com professoras particulares, contratadas pelos pais para dar aula em suas próprias casas. Com a frequência insatisfatória das meninas nas escolas o presidente da província de Minas Gerais (1804-1845) em 1840, falou às famílias em busca de esclarecer a função da escola diante do aprendizado feminino: “que a educação das moças estava circunscrita aos “limites de uma educação doméstica, quase sempre acanhada, e bem ou mal dirigida segundo o caráter, hábitos, e modo de pensar de cada um pai de família’ ”.(JINZENJI, 2011, p.81-82).

Elas sempre foram educadas para o serviço doméstico, não sendo permitido à mulher exercer outra função, pois o trabalho era exclusivamente masculino. A mulher não podia ou os homens achavam que elas não eram capazes de desenvolver outra atividade a não ser cuidar da casa e dos filhos. A Educação das mulheres se “restringia” a atividades que eram úteis ao ambiente doméstico, desprovidas de valor no mercado de trabalho da época, como costurar, aprender música ou desenvolver habilidades artísticas; o cargo máximo que poderia exercer era a de professora, depois de ser avaliada por uma comissão de autoridades políticas locais, pois:

Para as famílias, a saída das filhas de casa representava risco de corrupção moral e a impossibilidade de usá-la nos serviços domésticos [...] utilizando a carta constitucional como primeiro material de leitura, seriam formadas dentro dos ideais liberais. E ainda podiam perpetuá-las em suas famílias e, eventualmente, como mestras. (JINZENJI, 2011, p.83).

Ao contrário das mulheres, os homens recebiam uma Educação machista que os direcionava à “postura e a atitudes de homens”. “Para os meninos, previa-se um conteúdo mais extenso, envolvendo o estudo dos decimais e de proporções e noções de geometria prática, ofícios mecânicos, como alfaiataria, carpintaria e pintura.” (JINZENJI, 2011, p.81). Os mesmos tinham que dominar o conhecimento científico, habilitar o seu corpo para atividades pesadas. Era obrigação masculina obter conhecimentos, trabalhar para manter sua família, a qual vivia sob sua exclusiva proteção.

Apesar da existência de escolas públicas no país, os grandes e conceituados Colégios da época eram internatos que priorizavam o ensino de meninos das famílias abastadas de todo território brasileiro.

Um desses afamados internatos foi o colégio Abílio fundado em 1871, por Abílio César Borges um dos maiores contribuidores da Educação brasileira na época. Conhecido como Barão de Macaúbas recebeu seu reconhecimento por sua confiança e dedicação ao magistério no século XIX. Defendia que a criança devia ser guiada para ser educada e nunca contida.

A criança tem uma dignidade que será um dia a dignidade do homem e é necessário engrandecê-la em lugar de a envilecer. A Pedagogia tem por fim cultivar a razão sem martirizar a sensibilidade; e a sua missão é

alumiá o espírito com fatos da ciência e confortar o ânimo com os perfumes do amor. BARÃO DE MACAÚBAS (apud ALVES, 1936, p. 25).

O colégio Abílio era uma instituição de referência, situado na cidade do Rio de Janeiro. Localizado próximo ao mar, bastante arborizado, ventilado, com jardins, grandes salas de aulas e toda uma inovação no que se dizia respeito à educação de seus alunos. A participação familiar era indispensável na vida escolar.

O Barão de Macaúbas e o Colégio Abílio estão consagrados ficcionalmente no romance *O Ateneu* do autor Raul Pompéia, que está inserido na escola literária Realismo/Naturalismo. Este proporciona, através do olhar memorialista, o registro de sua experiência negativa, no internato e reflete o ideal da identidade do Brasil e da Educação do século XIX.

4 REFLEXOS DA EDUCAÇÃO EM O ATENEU

No romance, Raul Pompéia reconstrói uma passagem da infância para adolescência vivida em um famoso internato dos anos 1888 – 1889, no Brasil. Foi um período em que a instituição, os estudantes, os professores e o diretor Aristarco estão representados em uma visão clara dos erros, hipocrisias e ambições.

Apresentando um internato em sua rigorosa administração, assumida, no romance, por Aristarco, a narrativa apresenta a fronteira entre a ficção e a realidade, na confusão de vivências entre Sérgio (a personagem) e Raul Pompéia (o autor).

O *Ateneu* permite que entremos no mundo de um internato, para rapazes, do século XIX nos possibilitando a realização de análises e reflexões sobre o cotidiano desta instituição em sua prática educativa, tal como ele é revelado pelo aluno Sérgio.

4.1 O colégio como espaço físico

Narrado em primeira pessoa, a narrativa inicia-se com a palavra do pai de Sérgio, introduzindo-o em *O Ateneu*: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta. Bastante experimentei depois a verdade deste aviso [...]” (POMPÉIA, 1997 p.11), momento da separação do afeto familiar para o encontro a um mundo cheio de contradições, novidades e sedução: o internato.

Através de suas lembranças Raul, na personagem Sérgio, vai nos apresentando o espaço em que se desenvolveu a ação: tratava-se de um grande conjunto arquitetônico, preparado para funcionar como moradia coletiva para crianças e adolescentes, um internato escolar que atendia à fina sociedade brasileira. O mesmo era mantido pelo pagamento de mensalidades, pelas famílias, mostrando-se como um comércio, cuja mercadoria era a educação escolar. Uma das características marcantes nesse tipo de educação era a falta de liberdade que atingia diretamente o corpo dos educandos com o alvo de torná-los indivíduos dóceis e úteis e, assim, eles eram obrigados a aceitar e seguir as normas estabelecidas pelo diretor.

Goffman (1987), afirma que as instituições “totais”, escolas de regime fechado, se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vivia em tempo integral. A instituição funcionava como local de residência, trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que podia ser terapêutica, correccional, educativa etc. Normalmente há uma equipe dirigente que exerce o gerenciamento administrativo da vida na instituição.

“O internato, situado no Rio Comprido, extremo aos morros. De sombria pedra e a vegetação selvagem caia sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol no auge do meio-dia de novembro”. (POMPÉIA, 1997, p. 7), é para Aristarco, o ambiente perfeito para o desenvolvimento da Educação: “a atmosfera moral da meditação e do estudo, definida e escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura” (POMPÉIA, 1997, p. 36).

Foucault (1987, p. 137) comentando sobre a disciplina no século XVIII diz: “A disciplina, às vezes, exige a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. [...] o internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito”.

Sérgio, narrador-protagonista, acompanhado por seu pai, chegando ao colégio para se matricular e ingressar como interno na instituição, é levado pelo diretor para a “sala especial das visitas” (POMPÉIA 1997, p. 46). Nessa mesma ocasião, Aristarco exibiu o colégio para os dois.

O narrador descreve outros aspectos físicos da instituição: o grande refeitório coletivo, a rouparia junto ao lavatório, as centenas de bacias, ao longo das paredes detalhes em madeira, os copos e as escovas de dente e continuamente descreve outras partes da instituição.

A sala de aula do professor Mânlio, professor do primeiro ano ginásial, juntamente a outras salas do curso primário, do alojamento da banda de música e do salão de recreio, utilizado no período chuvoso, localizava-se no térreo em um pavilhão independente do edifício principal. Próximo a esse prédio encontrava-se uma construção de tijolos e tábuas pintadas onde ficava a sala geral do estudo, no térreo e o dormitório; em cima, e para completar o terreno, o enorme edifício principal do colégio. A cozinha era espaçosa como um salão. No centro, uma comprida mesa servia de refeitório à criadagem. O refeitório dos alunos ficava à parte, em um grande salão onde também aconteciam os encontros com o diretor

Aristarco e com os relatórios de desenvolvimento e comportamento dos alunos referentes às disciplinas e ao internato.

Os dormitórios recebiam identificação conforme a decoração. Salão pérola, o das crianças policiado por uma velha má; salão azul, amarelo, verde, salão floresta, dos ramos do papel, aos quais se recolhia a classe inumerável dos médios. O salão dos grandes, independente do edifício, sobre o de estudo geral era conhecido pela denominação amena de chalé. O chalé fazia vida separada e misteriosa.

Havia uma prisão, chamada “cafua”, descrita como um “asilo de trevas e do soluço, afirmação das culpas enormes” (POMPÉIA, 1997, p. 74-75). Trata-se de uma espécie de “solitária”, lugar onde ficavam os que não obedeciam às normas estabelecidas pela instituição. Localizava-se embaixo da casa, dando uma impressão de escuro absoluto, gradeado, um cheiro úmido de cogumelos pisados.

O espaço do Colégio Ateneu era amplo, atendia a centenas de alunos internos, cerca de trezentos, com organização para atender a todos, os quais eram vigiados, constantemente, pelo diretor, professores e funcionários e que deviam seguir rigorosamente as regras instituídas. Nesse sentido, afirma Foucault: “Assim é que o hospital-edifício se organiza pouco a pouco como instrumento de ação médica [...] um operador terapêutico. Como a escola-edifício deve ser um operador de adestramento, [...] um aparelho de vigiar”. (FOUCAULT, 1987 p. 145).

É nesse ambiente em que se movimentam personagens das mais diversas características, pois Pompéia, minuciosamente, conforme suas posições, os apresenta como algo corrupto, perverso, imoral, desde o diretor Aristarco, até os professores, colegas e criados.

4.2 A heterogeneidade no Ateneu

O Ateneu, internato de renome social recebia “a fina flor da sociedade” brasileira, como já mencionamos. Sua clientela, embora fosse da classe social alta era de grande diversidade não só em relação ao convívio, processo de aprendizagem, mas também, diante da receptividade e do tratamento aos alunos perante o diretor, pois não bastava ter um bom comportamento ou boas notas, era preciso possuir um poder econômico a mais, a exemplo do aluno Rômulo que

nunca foi destaque no colégio, mas era o candidato do diretor Aristarco para ser o seu genro.

Em O Ateneu, não existe um tratamento homogêneo, não só por parte do diretor em relação aos seus alunos, mas entre a própria comunidade escolar. São inúmeras as diferenças como as de procedências dos alunos de cidades ou regiões e principalmente intragrupoais: os alunos eram classificados entre eles como:

“vigilantes que eram escolhidos por aristocracia: ‘Malheiro, o herói do trapézio; o Ribas, a melhor vocalização do coral’; ‘o Mata, nunca punido ninguém sabia por quê, mas apontado por Rebelo como chefe da polícia secreta do diretor’; ‘o Saulo, que tinha que tinha três distinções no ensino público’; ‘o Rômulo, uma besta último em tudo mas responsável pelo bumbo da banda e vigiados, os demais alunos’” (POMPÉIA, 1997, p. 61-62); efeminado: “o Almeidinha, claro translúcido, rosto de menina e másculo’: ‘o Negrão, fisionomia severa’” (POMPÉIA, 1997, p.53; 183-184); feio: “o Gualtério, miúdo, meio corcunda, cabelos revoltos, movimentos bruscos e caretas de macacos – palhaço dos outros.” (POMPÉIA, 1997, p. 147); Pervertido: “o Batista Carlos, cara má, selvagem, coçando-se muito, alheio a tudo, esperava a mínima distração do professor para atingir a orelha dos vizinhos com uma seta de papel.” (POMPÉIA, 1997, p. 147); “leais e traiçoeiros, bolsistas” (POMPÉIA, 1997, p. 147), pagantes entre outros.

Podemos apreciar, também, a divisão sexual que se produzia no colégio considerado unissexual através da revelação que Rebelo seu primeiro tutor, faz a Sérgio:

- Conte como uma desgraça ter que viver com esta gente’ – E esbeçou um lábio sarcástico para os rapazes que passavam. – ‘Aí vão às carinhas sonsas, generosa mocidade... Uns perversos! Têm mais pecados na consciência que um confessor no ouvido; uma mentira em cada dente, um vício em cada polegada de pele. Fiem-se neles. São servis, traidores, brutais, adulões. Vão juntos. Pensa-se que são amigos... Sócios de bandalheira! Fuja deles. Fuja deles. (POMPÉIA, 1997, p. 53-54).

Ao contrário do que Rebelo pede a Sérgio, ele não foge, observa, vai acumulando as informações, aprendendo com os colegas, que aos poucos vão rebelando-se contra o regime que lhes é atribuído. Goffman (1987), diz que a vida no contexto institucional caracteriza-se por um alto grau de agressividade e, inclusive, de violência.

O Ateneu é um espaço em que não há vínculos, tão pouco, humanidade. É todo um complexo social que se faz presente, em que os adolescentes são

transformados em pequenas feras que se auto-devoram. Neste local não há espaço para puros ou fracos, apenas para aqueles que se adequam ao sistema. Num mundo assim concebido, a fraternidade passa a ser um indício de fraqueza. (NUNES, 1980, p. 228).

4.3 O currículo escolar

Como colégio de renome, O Ateneu, apresentava o currículo do plano de estudos nacionais da época. Os alunos estudavam muito, todos os dados possíveis eram somados e avaliados diariamente para configurar sua bagagem cultural. As disciplinas humanísticas e as científicas apresentavam uma visão de mundo, mas a primordialidade era a arte de falar: retórica.

Das matérias existentes, o narrador menciona as disciplinas: geografia, gramática, história pátria, cosmografia, desenho linear, religião, tabuada e educação física, disciplina que foi motivo de encantamento na apresentação do colégio Ateneu ao aluno Sérgio. Um momento de espetáculo onde o corpo era exposto e a escola reconhecida por sua disciplina e capacidade de adestrar, manipular, modelar, treinar e tornar o corpo útil, hábil e forte.

Sérgio revenrencia a geografia como uma disciplina na qual teve facilidade em sua aprendizagem (memorização) dizendo os assuntos que estudou: “rios, montanhas, nomes de capitais etc.” e afirmando: “entrou como em sua casa” (POMPÉIA, 1997, p.41).

A gramática é mencionada em forma de metáfora comparando-a com um cofre de “confeitos de páscoa [...] escolhia a bel prazer os adjetivos como amêndoas, adocicadas pelas circunstâncias adverbiais da mais agradável variedade” (POMPÉIA, 1997, p.41). Sérgio também menciona a matéria através da insistência do amigo Sanches “inventou uma análise dos Lusíadas”, livro de avaliação, cuja dificuldade só aumentava. E faz a comparação do dicionário com o universo. As palavras eram estudadas isoladas, sem nenhuma contextualização em volta. Termos como “penetrou” e “descarnou”, entre outros são apresentados com a ideia de domínio da palavra e seu significado; as quais são armazenadas e utilizadas em um momento de uso da retórica.

Sérgio conta como seu tutor o faz dedicar-se à história da pátria a qual metaforicamente é ensinada com a visão emotiva e distorcida da história brasileira. Um mundo dividido entre os colonizadores da fé e da civilização.

Nas aulas de catecismo, Sanches fez com que Sérgio se embriaguasse com as histórias contadas, uma elevação místico-religiosa. Porém, quando o assunto foi o purgatório e o inferno, misturava gestos com insinuações nos discursos teológicos, Sérgio começou a mudar de atitude e, pela primeira vez, duvidou da intenção existente por trás do discurso religioso de Sanches: “O catecismo começou a infundir-me o temor dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensado, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches” (POMPÉIA, 1997, p.43).

As disciplinas científicas: a tabuada e o desenho geométrico, pouco comentado, mostram a intenção de menos interesse para com as mesmas. O próprio Sérgio prefere desistir de ser um bom aluno de cálculos deixando este para “Maurílio ou a quem fosse o primado das cifras”.

A retórica recebia um grande destaque nas aulas de cosmografia, a qual era ministrada pelo professor Aristarco. O mesmo iniciava sua aula e fazia girar sua mão apresentando o grande vazio da constelação “imaginária”. O curso era fruto da obsessão megalomaniaca do diretor. A aula apresentada referencia um processo extremamente tradicional em que o aluno não tinha oportunidade de intervenção, apenas ouvia e aceitava as orientações do professor.

Quanto à retórica não era considerada como disciplina, mas percebe-se ter tido uma atenção muito especial no colégio, pois se fez presente desde o primeiro discurso de boas vindas de Aristarco a Sérgio, no início das aulas. Os demais discursos, principalmente os de Dr. Cláudio, eram verdadeiras práticas da retórica. Também havia no colégio o Grêmio Literário, “Amor ao Saber” para exercício da retórica, em que Nearco da Fonseca, aluno novo, que nos esportes era um fracasso, revela-se excelente orador. Bento Alves, rapaz bom, forte e misterioso, era o bibliotecário do Grêmio.

4.4 A prática pedagógica

O colégio, Ateneu reflete uma prática pedagógica protegida politicamente, que tenta ocultar a diversidade presente no campo escolar, e utiliza o corpo como matéria-prima disciplinar. Nele, os alunos são direcionados a aderirem aos costumes da época. A prática pedagógica do colégio está ligada à questão da nacionalidade, sentimentos realçados nos processos simbólicos e de identificação criados dentro do ambiente escolar.

A organização desse colégio remete a de um quartel. Assumindo uma característica de luta, os termos militares estão presentes na descrição feita pelo narrador. Prevalece uma hierarquia em que o topo é assumido pelo diretor. A festa de ginástica é toda referenciada em termos de exército como na descrição a seguir.

[...] depois de uma longa volta, a quatro de fundo, dispuseram em pelotões, invadiram o gramal, e, cadenciados pelo ritmo da banda dos colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor [...] a bela farda negra dos alunos, de botões dourados, dava a impressão de um militarismo brilhante, preparado para as campanhas da ciência e do bem... Bataillard, o professor de ginástica dava ordens com uma vibração penetrante que dominava a distância, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes... como uma organização militar, os alunos eram divididos em grupos de trinta, sob o comando direto de um vigilante. (POMPÉIA, 1997, p. 7-8; 20).

O corpo é trabalhado constantemente, sendo vigiado e controlado no tempo e espaço, pois é através desta modelagem e obediência de regras que acontece a disciplina do corpo que remete diretamente ao ser. Sobre isso Foucault nos esclarece: “Esses métodos que permitem controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ (FOUCAULT, 1987, p. 118)”.

A hierarquia do “exército” no Ateneu ocorre de modo vazio em que não se sabe onde estão os verdadeiros valores éticos e pessoais do ser. O sistema de escolha dos vigilantes é questionável, pois muito longe está a escolha devido ao ato de heroísmo ou valores, os quais deveriam ser norteadores para esta nomeação. Sérgio remete ao exército a “milícia caseira” que ordena as atividades no Ateneu:

“Estes oficiais inferiores da milícia da casa faziam-se tirantes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau com guardas

de couro, tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma fevoricidade adorável. Os sabres puniam sumariamente as infrações da disciplina na forma.” (POMPÉIA, 1997, p. 76).

Na tentativa de construir um projeto que refletisse a identidade do país, a escola, O Ateneu, faz com que o outro seja negado e tenha uma única identificação: a que é desejada pela a escola. Tal procedimento retira da pessoa sua autonomia, liberdade de ação e capacidade de decisão, confundindo definitivamente qual é o eu dos educandos. Na busca dessa identidade, o corpo é uma das principais matérias-primas.

A partir da segunda metade do século XVIII, segundo o enfoque Foucault (1987), o corpo humano passou a ser visto como uma máquina, algo fabricável e não natural, manipulável, capaz de ser treinado e ter suas forças multiplicadas. Objetivava-se, assim, a docilidade dos corpos: “tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e explicação: corpo útil, corpo inteligível. [...] É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.118).

Desde o primeiro encontro entre Aristarco e Sérgio começou a acontecer essa transformação, o que significa, para Sérgio, o início de um tormento. É a sua preparação para um novo mundo: o colégio Ateneu. Ele começou a sua vida escolar sendo obrigado a assumir uma identidade estabelecida pela escola, atitude esta, que evidenciou o início do exercício de poder dentro do colégio. A personagem foi colocada hierarquicamente numa escala de inferioridade como podemos observar no trecho abaixo:

Nisto afagaram-me a cabeça. Era Ele.
Estremeci.

— Como se chama o amiguinho? Perguntou-me o diretor.

— Sérgio... dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o “seu criado” da estrita cortesia.

— Pois, “meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos”. (POMPÉIA, 1997, p. 23).

Outro exemplo é o caso do aluno Franco que sempre estava de castigo, por não obedecer às normas estabelecidas no internato, pois a construção do ser tinha que formar-se de acordo com os ideais da instituição. É o que Foucault denomina de mecanismo penal do sistema disciplinar, pois marca os indivíduos e estabelece os chamados “desvios”, ou seja, aqueles que não conseguem se adaptar ao sistema, servem de referência negativa em relação aos demais. A

disciplina, deste modo, procura ao máximo tornar submissos e homogêneos os indivíduos controlados, através da chamada “sanção normalizadora”.

Por isso, mesmo não correspondendo à expectativa, não importava em que nível Franco estivesse na escala das considerações da instituição, pois apesar de tanta rebeldia não o excluía da comunidade escolar porque precisavam dele para servir de exemplo perfeito da “depravação oferecida ao horror dos santos e puros” (POMPÉIA, 1997, p. 30), servindo de lição para os demais que observando os castigos impostos, buscavam não rebelar-se ao contrário das normas que levariam a construção do seu eu. Foucault considera como dominação a maneira de tornar o corpo mais obediente e útil, para que possa agir dentro de técnicas, com rapidez e eficácia pré-determinadas, funcionando de forma útil para a economia e de modo obediente para a política.

Para o funcionamento do Ateneu, existe um sistema a ser seguido: um conjunto explícito e formal com combinações e proibições que direcionam a conduta do internado. Essas regras costumam especificar com detalhes a rotina diária e rígida da vida do internado. É o que Foucault reconhece como pequeno mecanismo penal, dotado de peculiares características. Um sistema de penalidades e punições do regime disciplinar regido, antes de tudo, pelo método de gratificação, através do qual todas as condutas são qualificadas a partir de valores maniqueístas. Isto faz com que o poder disciplinar (em sistema de punição e recompensa) hierarquize e julgue os indivíduos através de sua conduta.

A quem seguir rigorosamente as normas, há um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos como: espaço privado onde se podem guardar coisas pessoais de modo inviolável, ou receber o direito a uma visita extra à família, ou ainda, conforme for o resultado das notas, receber cartões amarelos, que chegando a dez, é indicado a medalha de ouro no final de ano e ainda a uma premiação que não fazia parte das normas, mas que, casualmente acontecia, era o convite para ir jantar na casa do diretor Aristarco.

Os castigos eram definidos em consequências de desobediência às regras da instituição, ou seja, os educandos não recebiam, temporariamente, ou ficavam sem ganhar o direito de adquirir temporariamente estes privilégios. Havia também outras punições mais rigorosas como: ficar de joelhos diante dos colegas, escrever inúmeras vezes as mesmas frases, as quais foram estabelecidas, e ainda ficar preso na cafua entre outros.

Foucault sugere que dominação é tornar o corpo mais obediente e útil, agindo dentro de técnicas, rapidez e eficácia pré-determinadas, pois dessa forma, tem suas forças elevadas ao máximo. No entanto, as técnicas de dominação nem sempre são explícitas, pois podem acontecer minuciosamente, e talvez, com aparência inocente e por meio de detalhe.

Como as regras da instituição deveriam ser rigorosamente seguidas, o educando que tivesse cometido falhas, deveria aceitar a interpretação escolar a seu respeito, o mesmo poderia adquirir a intenção de corrigir-se e solicitar da equipe dirigente de auxílio, compreensão, privilégios e perdão, com o objetivo de permanecer nessa nova atitude. Mas não foi isso o que aconteceu com Sérgio, pois ele vivia uma temporada de intenso fervor religioso e depois de revoltar-se contra a tirania dos vigilantes, passou a utilizar a estratégia de rebeldia como uma possibilidade de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos.

Para Foucault, (1987), os processos disciplinares tornam-se formas gerais de dominação a partir dos séculos XVII e XVIII. Buscam aprofundar a sujeição do corpo humano ao mesmo tempo em que aumentam suas habilidades, tornando o corpo simultaneamente submisso e exercitado, através de determinados recursos e técnicas.

Na busca da disciplinarização, O Ateneu caminha em ordem paralela a da autoridade, surgindo várias formas de encontro. Por mais rígidas que sejam a forma de controle, as mesmas são contornadas a todo instante. Um exemplo disso é o sistema de comunicação construído para driblar a imposição da lei do silêncio: “Foi assim a invenção malfadada do telégrafo-martelinho. Tantas pancadinhas, tal letra; tantas mais, tantas menos, tais outras. Os inventores achavam no sistema dos sinais escritos a desvantagem de não servir à noite”. (POMPÉIA, 1997, p. 112-113).

Mesmo diante do risco de serem flagrados, eles organizavam-se e exerciam sua capacidade criadora buscando a participação de todos, mesmo aqueles desconsiderados pela avaliação escolar. Ao sofrer a desorganização, o grupo se reestruturava e procurava novas alternativas para fugir do mecanismo da disciplinarização opressora, como é o caso do meio de comunicação construído para quebrar a imposição da lei do silêncio:

Os fios telegráficos eram da melhor linha de Alexandre 80, sutilíssimos e fortes, acomodados sob a tábua das carteiras, mantidas por alças de

alfinete. Em férias desarmavam-se. Dois amigos interessados em comunicar-se estabeleciam o aparelho; a cada extremidade, um alfabeto em fita de papel e um ponteiro amarrado ao fio, legítimo Capanema. Tantas as linhas, que as carteiras vistas de baixo apresentavam a configuração agradável de cítaras encordoadas, tantas, que às vezes emaranhava-se o serviço e desafinava a cítara dos recadinhos em harpa de carcamano. (POMPÉIA, 1997, p. 111-112).

Esses movimentos secretos construía a dinâmica da sociedade escolar, que promoviam as mudanças e rompiam as expectativas criadas pelo poder oficial e legitimado na pessoa do diretor. Dentro da escola, eles formavam vozes que, embora sofressem a tentativa de silenciamento, manifestavam-se dando corpo aos contradiscursos e apresentavam ainda, estreita relação com fatores externos ao colégio, a exemplo as brincadeiras que guardavam vivas na memória:

A peteca não divertia mais, palmeada como estrépito, subindo como foguete, caindo a rodopiar sobre o cocar de penas? Inventavam-se as bolas elásticas. Fartavam-se de borracha? Inventavam-se as pequenas esferas de vidro. Acabavam-se as esferas? Vinham os jogos de salto sobre um tecido de linhas a giz no soalho, ou riscadas a prego na areia, a amarela, e todas as suas variantes, primeira casa, segunda casa, terceira casa, descanso, inferno, céu, levando-se à ponta de pé o seixozinho chato em arriscada variação de pulos. Era depois a vez dos jogos de corrida, entre os quais figurava notavelmente o saudoso e rijo chicote queimado. (POMPÉIA, 1997, p. 109).

A partir do processo de aceitação aos requisitos estabelecidos pela escola, essas brincadeiras foram abolidas e, com isso, inicia a fase do tormento para os alunos, por meio de várias formas coercitivas: física, psicológica e/ou moral. Essas, simultaneamente ou não, nem sempre tinham uma significação negativa, já que a dominação podia se dar tanto de um modo violento e também silencioso e sutil. O processo de coerção escolar começava no enclaustramento do aluno, que perdia, assim, sua liberdade e autonomia sobre suas vontades, pois são as normas estabelecidas no Ateneu que direcionavam ao ser.

As normas disciplinares estabelecidas em O Ateneu eram aceitas, pois o colégio, simbolicamente, representava status, progresso e educação da inteligência e da moral. Por meio de intensa propaganda, o Ateneu transforma-se em um produto a ser consumido:

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido réclame [...] desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. (POMPÉIA, 1997, p. 15).

Assim funcionava o Ateneu, uma máquina de punir que “é beneficiada por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, suas instâncias de julgamento, [...] estabelecendo infrapenalidades” (FOUCAULT, 1987, p. 149).

Os princípios educacionais propostos para a regulamentação da instituição estão bem distantes da realidade social existente nos internos. A disciplina e a ordem estabelecidas eram extremamente rígidas. Havia critérios que determinavam as categorias: em primeiro lugar, a força, pois eram os que faziam parte da vigilância dos menores e que também os dominavam, conforme uma tutela em que os alunos mais velhos auxiliavam os mais novos, seguindo a ordem imposta. Em segundo, o prestígio da riqueza, pois ela direcionava ao aluno alguns prestígios e vantagens e também contornava algumas diferenças individuais ou tomadas de decisões da parte da direção.

O aspecto da relação afetiva era diferenciado a partir dos gestos e das palavras, o confronto entre a agressividade e a libido. Para observá-lo, basta ler a descrição que Sérgio faz referenciando os que o rodeiam:

[...] destruída a fachada que a cerimônia inicial levantara, o menino percebeu espantado uma divisão entre fortes e fracos, que os impulsos da adolescência vinha colorir de matizes sexuais. As lideranças, já entronadas pelo poder da riqueza, se erguiam sobre argumentos musculares ou etários, onde os mais fortes, os mais velhos e calejados pela vida no colégio interno, podem dominar, oprimir e explorar os recém-chegados mais novos. Tudo conspira contra os indefesos”. (POMPÉIA, 1997, p. 63).

4.5 O processo de avaliação e o “livro da capa de couro”

Um dos maiores e humilhantes instrumentos do Ateneu era o “livro de notas”. Toda as manhãs. Era um livro, de capa de couro rotulado de vermelho, no qual os professores faziam anotações referentes ao aproveitamento dos alunos no dia anterior. Aristarco abria este livro e tornava aquele momento um momento de terror, expondo e ridicularizando diante de todos a situação escolar do educando segundo seu rendimento. O livro construía ou destruía a reputação dos educandos, sem nenhum cuidado.

[...] Os vitimados fugiam, acabrunhados de vergonha, oprimidos sob o castigo incalculável de trezentas carinhas de ironia superior ou compaixão de ultraje. Passavam junto de Aristarco ao sair para a tarefa penal de escrita. O diretor, arrepiando uma das cóleras olímpicas que de um momento para outro sabia fabricar, descarregava com o livro às costas do condenado, agravante de injúria e escárnio à pena de difamação. O desgraçado sumia-se no corredor, cambaleando” (POMPÉIA, 1997, p. 75).

Segundo Foucault (1987), o processo de leitura habitual do livro de notas funcionava como prevenção, análise e confirmação normalizadora que direcionava a construção do ser ao ideal para a sociedade. O noticiário matinal era a leitura do livro de notas que se assemelhava a um procedimento judicial apresentando e apontando culpados, expondo-os ao vexame da humilhação pública, e o juiz implacável, o diretor, dava a sua sentença imediatamente.

A metodologia disciplinar do livro de notas obrigava os educandos a viverem sob condições de exposição, sujeitos a grandes constrangimentos ou contemplações, caso obtivesse o resultado favorecido. Este processo de humilhação ou glória era uma etapa importante na carreira moral e na socialização dos internos. Apesar do educando ter seu desempenho escolar elevado à categoria máxima e ser “definidora” de sua pessoa, o certo é que tanto seu fracasso quanto seu sucesso escolar estão submetidos à constante monitoração e avaliação moral, que impede o aluno de construir e manter suas opiniões a respeito de sua auto-avaliação.

No sistema educacional deste internato, aprendia-se que os desmoronamentos e reconstruções do eu não devem ser muito considerados, e ao mesmo tempo aprendia-se que a equipe administrativa e os outros internos (os que, por interesse pessoal do diretor, assumiam papel de vigilantes) estavam preparados para interpretar e julgar os fracassos e reconstruções do ser.

Havia, para todos uma expectativa de terror antes da leitura das notas, com exceção para os exclusivos, os vigilantes, os amigos prediletos, os que viviam à sombra de uma reputação sutilmente obtida por um justo desenvolvimento de trabalho e cativante simplicidade. O livro era um mistério. (POMPÉIA, 1997, p. 75).

O procedimento utilizado por Aristarco para avaliar o rendimento escolar dos educandos marcava, de tal modo, o indivíduo, com uma forma de insuficiência em sua capacidade de aprendizagem, que acabava, levando-os a convicção de sua incapacidade, convencendo-os de que era justa a condenação. A leitura do livro reflete-se como “vigilância, exame e sanção normalizadora” (FOUCAULT, 1987).

Um dos pontos de pressão máxima era a avaliação. Ela combinava técnicas de vigilância com a medida normalizadora. O exame controlava os indivíduos através de sua qualificação e classificação. Para os alunos, tornava-se

algo, aterrorizante, como observamos a experiência de Sérgio. “A estreia do primeiro exame foi de fazer febre. Três dias antes pulavam-me as palpitações; o apetite desapareceu; o sono depois do apetite; na manhã do ato, as noções mais elementares da matéria com o apetite e com o sono.”(POMPÉIA, 1997).

O processo avaliativo não está muito detalhado no romance, porém através de um dos livros publicados em 1884 de Abílio César Borges (o referido no romance como o diretor Aristarco), cujo título é: *Vinte dous annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil*, em um dos capítulos apresenta a metodologia utilizada em seu colégio, que no momento se referia ao Colégio Abílio, mencionado na ficção estudada como O Ateneu.

No Colégio Abílio, as provas, em sua maioria, eram realizadas predominantemente de memorização e de tradução textual, em que não havia interação por parte do aluno. As obras estudadas eram as que encontravam-se estabelecidas no quadro de estudo. As provas de português eram feitas através de análise de um trecho sorteado do livro *Os Lusíadas*. Tanto as avaliações das disciplinas científicas, quanto as humanas, seguiam um esquema de assimilação teórica e evolutiva, procedimento utilizado nas provas escritas e orais. Provavelmente, no colégio O Ateneu o método avaliativo seria o mesmo.

A disciplina constitui uma forma de poder que é exercido em diversos espaços da sociedade. No Ateneu ocorrem dois sentidos fundamentais do termo disciplina: a disciplina: matérias e a disciplina: comportamental, que, após a realização destes processos acontece o fenômeno desejado:

O momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tão pouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil e inversamente. (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Era através das disciplinas: matéria e comportamento que acontece a preparação do ser, ou seja, o adestramento, de forma que os mesmos não infligissem as normas estabelecidas pelo poder e que considerados prontos, são apresentados pela escola ao mundo para que exerçam suas tarefas como bons cidadãos.

4.6 O diretor Aristarco

A caracterização do diretor do internato nos oferece um ponto de partida para a compreensão do processo educacional da época. Aristarco Argolo de Ramos é definido pelo narrador a partir de sua intensidade no exercício de administrador e educador. Em suas normas não são estabelecidos castigos físicos, mas a imposição do medo aos alunos.

Aristarco é visto como uma personagem particular que visa ao desenvolvimento de sua escola, ao controle moral dos internos e, com isso, à transformação moral da sociedade.

Era como o Barão de Macaúbas uma pessoa consumada em empresário da educação, mestre na arte da pose e da autopromoção; vendia uma imagem idealizada do seu negócio para atender aos interesses da burguesia. Nas ocasiões de esplendor, observava-se um homem que exibindo seu orgulho e sua vaidade esbaldava-se ao ouvir:

Ateneu! Ateneu! Aristarco era todo um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários, a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público [...]. (POMPÉIA, 1997, p. 33).

Nos eventos públicos, exposições institucionais, as quais funcionavam como publicidade do estabelecimento, “Aristarco arrebatava-se de júbilo [...] distribuía-se numa ubiquidade impossível de meio ambiente [...]” deslocando-se por toda parte e falando com todos (POMPÉIA, 1997, p. 39-40). Só interrompia a atividade de contador para receber os novos alunos que chegassem, abandonando o empresário e surgindo o educador:

O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria-se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas. Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros [...] (POMPÉIA, 1997, p. 45).

Para Aristarco, todas as suas atitudes tinham um interesse em volta; adequava os olhares, os sorrisos, os privilégios no sistema de chefia, e até mesmo a escolha do futuro genro, pelos critérios de guarda-livros como pontualidade no pagamento das mensalidades: “... Às vezes, uma criança sentia uma alfinetada na

mão ao beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares [...] O pai estava dois trimestres atrasado” (POMPÉIA, 1997, p. 46).

Aristarco não era apenas o supervisor do seu colégio, ele era de fato um símbolo da administração de todo o estabelecimento.

Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepção da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, opulentando a nobreza de todos os honoríficos berloques. (POMPÉIA, 1997, p. 32).

Na cerimônia, momento de seu esplendor, sorria, fazia discursos, dava parabéns, julgava as disputas, distribuía prêmios. Nessa atuação, desempenhava uma interação agradável e demonstrava interesse paternal para com os alunos e estes mostravam acanhamento, e respeito. “Ator profundo, realizava ao pé da letra, a valer, o papel puro, sutil, metafísico, de alma da festa e alma do seu instituto” (POMPÉIA, 1997, p. 40).

No colégio todos pareciam respeitar a posição de subordinados, comportam-se como coisas, animais em relação ao diretor que os une, que os mantém, que os maltrata: “[...] Aristarco é o Ateneu” (NUNES, 1980, p. 225).

Sua vigilância é ativa sobre a vida dos internos, com traços maquiavélicos: dominava pelo terror de aparições inesperadas e inadvertidas que fazia nos vários ambientes do colégio, salas de estudo, de aula, surpreendendo professores e alunos, procurando flagrantes.

“[...] Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda parte o risco perpétuo do flagrante com uma atmosfera de susto. Fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis. Chegava o capricho a ponto de deixar algumas janelas ou portas como votadas a fechamento para sempre, com o fim único de um belo dia abri-las bruscamente sobre qualquer maquinação clandestina da vadiagem. Sorria então no íntimo, do efeito pavoroso das armadilhas, e cofiava os majestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a pregustação de um repasto de sangue” (POMPÉIA, 1997, p. 83-84).

4.7 Autoritarismo e descaso na educação do século XIX

O colégio Ateneu, embora fosse reconhecido como exemplo da educação, na época, apresentava no seu cotidiano autoritarismo e descaso, nitidamente representado na personagem do aluno Franco.

Franco, é símbolo da indisciplina diante do autoritarismo presente no internato. Ele era do Mato Grosso e foi enviado pelo pai, juntamente com uma carta que o definia como incorrigível e que devia ser tratado com severidade. Aristarco seguiu ao pé da letra essas recomendações:

Três anos havia que o infeliz, num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido, esmagado, sob o peso das virtudes alheias mais que das próprias culpas, ali estava, - cariátide forçada no edifício de moralização do Ateneu, exemplar perfeito de depravação oferecido ao horror santo dos puros. (POMPÉIA, 1997, p. 30).

Franco, além de ser discriminado pela família e vítima da péssima educação recebida em casa, se depara em um novo mundo com o mesmo tratamento: a discriminação por parte de Aristarco, professores e alunos. Ele é a representação da maldade, indisciplina, desprezado por todos. A escola deveria ser constante, na punição e rigidez, como forma de correção de seu mau comportamento.

De joelhos... não há perguntar; é o Franco. Uma alma penada. Assim atravessava as semanas, os meses, assim o conheço, nesta casa, desde que entrei. O diretor chama-lhe cão, diz que tem calos na cara. Se não tivesse calos nos joelhos. O pai é de Mato Grosso; mandou-o para aqui com uma carta em que o recomendava como incorrigível, pedindo severidade. (POMPÉIA, 1997, p. 28).

O que aconteceu com Franco foi reflexos dos procedimentos utilizados na educação dos alunos nas escolas daquela época. Ser posto de castigo de joelhos era uma constante na vida estudantil. Sempre que os colegas passavam perto de Franco ele estava de joelhos, pois era um “menino incorrigível” como dizia seu pai, que morava em Mato Grosso. Ele nunca saía do internato, não tinha férias e Aristarco o chamava de “cão”:

Perto de mim vi o Franco. Sempre de penitência; em pé, cara contra a parede. Perguntei-lhe porque estava de castigo. Sem olhar, de mau modo: “Lá sei! Disse ele. Porque me mandaram”. Franco era um rapazola de quatorze anos, raquítico, de olhos pasmados, face lívida, pálpebras pesadas. Franco não ria nunca. Vivia isolado no círculo da excomunhão com que o diretor, invariavelmente, o fulminava todas as manhãs, lendo no refeitório perante o colégio as notas da véspera. Três anos havia que o infeliz, num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido, esmagado sob o peso das virtudes alheias mais que das próprias culpas, ali estava. (Pompéia, 1997, p. 30)

Observado sempre pelo negativismo, Franco tornava-se, cada vez mais, mau aluno, com péssimas notas, sem progresso escolar e abandonado pela

família. A incompreensão, a falta de carinho e o descaso em relação ao mesmo o levava a cometer atos perversos, como o indicado numa passagem em que ele revoltado contra o que lhe era imposto, como castigo: escrever repetidas páginas e páginas. “Esta interminável escrita fizera lhe calos ao canto das unhas: meus dedos perderam o brio, dizia ele nos momentos de amargo humor, em que improvisava sarcasmos contra si mesmo”. (POMPÉIA, 1997, p.51).

Sérgio aproximou-se dele por meio de identificação: “As desventuras do pobre rapaz e as minhas próprias haviam-me levado para o Franco. Eu me constituíra para ele um quase amigo”. (POMPÉIA, 1997, p. 51). Essa amizade custou a Sérgio maus olhares e discriminação de todos do colégio.

Na realidade, Franco não era um exemplo de bom comportamento, como podemos constatar, uma vez em que Sérgio com raiva da punição que recebeu porque urinou na bomba do poço e, logo, na água de lavar pratos, aceitou o convite de Franco que cansado do deboche dos alunos, dos maus tratos, vão juntos aos arredores da escola, onde juntaram algumas garrafas velhas que trouxeram até a piscina. Ali Franco quebrou-as e jogou os cacos no tanque para que todos se machucassem no dia seguinte. No desespero, atormentado pelo remorso e pela cumplicidade, Sérgio perdeu o sono e se pôs a rezar para sua padroeira na capela, onde adormeceu rezando. Por um feliz acaso, no dia seguinte, o tanque foi esvaziado e os meninos se banharam no chuveiro.

A revolta de Franco contra tudo e todos pode ser observada na citação abaixo:

"A minha vingança!" repetiu-me ainda o Franco. "Para o sangue, sangue, acrescentou com o risinho seco. Amanhã rerei da corja! [...] Trouxe-te aqui para que alguém soubesse que eu me vingoi!"
Ao falar mostrava-me o lenço que enxugara o sangue do golpe à testa.
(Pompéia, 1997, p.53).

Ele buscou constantemente chamar a atenção das pessoas à sua volta, com atitudes negativas, sem medir as consequências. Um garoto mal amado e rejeitado por todos. A família o desprezava e passava a responsabilidade para os administradores do Ateneu. Tornou-se a vítima, o alvo em que se descarregava toda a violência do internato, "a humildade vencida" [...] "não ria nunca, sorria" [...] "vivía isolado..." (POMPÉIA, 1997, p.30; 56).

Consequência do descaso familiar e de um processo de autoritarismo vigente na Educação da época, Franco adoeceu, se expôs ao sereno e ao sol

propositalmente, agravando seu estado e provocando com isso a própria morte. Morreu abraçado à imagem de Santa Rosália que furtara de Sérgio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é passado, presente e futuro, ela é inacabada e, muitas vezes, incompleta. A literatura vem completar esse momento histórico, pois o fato literário é histórico, isto é, ele acontece num tempo e num espaço determinados. Há, no fato literário, elementos que o envolvem com uma capa se articulando com a sociedade. Tanto a personalidade do autor quanto a língua, a raça, o meio geográfico e social; momentos e elementos estéticos, ao mesmo tempo, inserindo certas características vão dando à literatura marca de seu tempo, contemporaneizando conforme o gênero literário e, ao mesmo tempo, contribuindo para diferenciá-lo.

A vida e o contexto social ao qual estava inserido Raul Pompéia d'Ávila contribuíram para que ele retratasse em sua obra, *o Ateneu*, um ambiente escolar em que a Educação era produto de um grupo que reproduzia uma ideologia dominante; em que o aluno não é incentivado à reflexão e o que prevalece é o individualismo.

O romance apresenta um poder de crítica bastante eficaz, quando mostra a escola como reflexo da sociedade e as relações que se estabelecem dentro do sistema educacional.

O colégio “Ateneu” foi apresentado como uma instituição pedagógica com um sistema de reclusão, que funcionava com o objetivo da modelagem do ser o qual era trabalhado do psicológico ao físico. Neste ambiente é que a formação do eu devia acontecer.

O espaço escolar, as atividades físicas, os mais diferentes personagens são apresentados com finalidades para cada execução. O processo de aprendizagem transcorria em meio de aulas, perguntas, respostas, exercícios, obediência, elogios, gratificações, ordens, vigilância e punição; procedimento chamado por Foucault, de poder disciplinar que o considera como algo que não se tem ou conquista, mas algo que se exerce. O mesmo tem como função habilitar o indivíduo através de instrumentos, um desses instrumentos é a chamada “vigilância hierárquica”, em que os indivíduos passam a ser controlados e fiscalizados com maior eficiência através do olhar constante dos seus superiores.

As instituições educativas buscavam transformar o ser em uma máquina de fácil controle a qual era monitorada, treinada e avaliada.

O internato, ali representado, tinha a preocupação de preparar para a vida, e, para isso, utilizou metodologia que refletia a identidade da época. Nele foi possível comprovar que a Instituição vai além da escolarização, uma vez que pode moldar comportamentos e provocar mudanças. Porém, a imposição sofre resistência e submundos são criados como prova de oposição e força.

O modelo disciplinar do sistema educacional do Ateneu direcionou a “fabricação” do ser oprimido, marginalizado e vingativo; resultado de um sistema educacional que precisa ser reorganizado.

Assim a literatura, *O Ateneu*, apresenta uma crítica eficaz, ao mostrar a escola como reflexo da sociedade e as relações estabelecidas dentro do sistema educacional. Também nos proporciona a observação de personagens que representam o drama da vida e oferecem possibilidades de reflexão sobre nosso mundo social e educacional. Além de nos beneficiar como fonte de conhecimento da educação a qual implica na mudança significativa da existência do indivíduo, promovendo a libertação do mesmo e a busca de um regime político social mais democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABNT-**Associação Brasileira de normas e Técnicas**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. P816p Padrão PUC Minas de normalização: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias / Elaboração Helenice Rêgo dos Santos Cunha. Belo Horizonte: PUC Minas, ago. 2010. 52p.

ALVES, Isaías. (1936) **Vida e obra do Barão de Macahubas**. Rio: *Edições Infância e Juventude*.s/d.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: moderna, 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção Série Princípios, 246).

BORGES, A. C. **Aparelho escolar múltiplo** (conferência). Rio de Janeiro. Paço Imperial (1884).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**. Origens e Unidade. Vol. I. São Paulo: Edusp, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COUTINHO, Afrânio (org.) **Raul Pompéia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Oficina Literária Afrânio Coutinho. FENAME, 1983.

COUTINHO, Afrânio. **Raul Pompéia**: obras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. v. 5. Cultrix, 2006.

CURVELLO, Michel Foucault. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A educação brasileira no contexto brasileiro**. Campinas: Alínea, 2001.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. Regidos e mal pagos. (in): **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 6, nº64, janeiro, 2011.

GOFFMAN, E. (1987). **Manicômios, prisões e conventos**. (Trad. D.M. Leite) 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

JINZENJI, Mônica Yumi. Filhas da Constituição. (in): **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 6, nº71, agosto, 2011.

MANACORDA, Mario Lighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias; tradução de Gaetano Lo Monaco; revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella – 12. ed.- São Paulo: Cortez, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTENEGRO, Olívio. in PONTES, Elói: **A Vida Inquieta de Raul Pompéia**, Rio de Janeiro: Editora Olympio, 1935.

NUNES, A. C. (1980). Sociedade e poder no 'Ateneu' de Raul Pompéia. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS**. 8, 221-231.

OCTÁVIO, Rodrigo. **Minhas memórias dos outros**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: 1934.

PERRONE, Leyla – Moisés. **O Ateneu Retórica e paixão**. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo: 1988.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Publifolha, 1997 (Originalmente publicado em 1888).

CURVELLO, Mário. **Raul Pompéia**. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação.1981.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. 3 ed., 1. Reimp. – São Paulo: Rêspel, 2008.

SARAMAGO, José. **Manual de pintura e caligrafia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

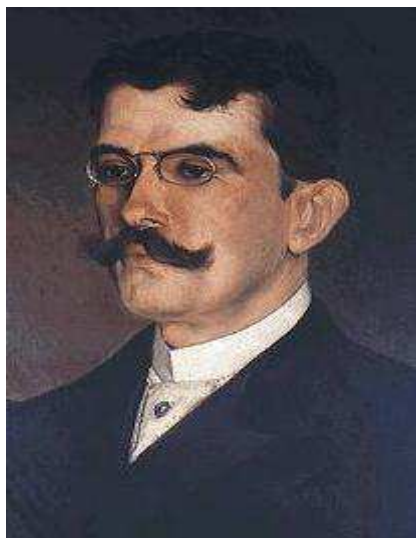
SANTIAGO, Silvano. O Ateneu: contradições e perquirições. In _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SOUZA, Alves M. L. (1925). **Actuação de Abílio Cessar Borges sobre os processos educativos no Brasil**. In Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 50, 43-58.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil**: dos Jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados; Brasília: Plano, 1987.

Apêndices

APÊNDICE A – RAUL D'ÁVILA POMPÉIA



Raul d'Ávila Pompéia, nasceu em 12 de abril de 1863, em uma propriedade rural, localizada próximo a Angra dos Reis, Estado de Rio de Janeiro, carregou em si marcas de sua criação, imposta pelos familiares. Seus pais, Dr. Antônio d'Ávila Pompéia e Rosa Teixeira Pompéia.

Octávio (1934, p. 132), em seu livro *"Minhas memórias dos outros"*, define a família de Raul Pompéia da seguinte forma:

... Pompéia era homem de poucos, pouquíssimos amigos. Desde muito criança, afeito ao estudo e à meditação, viveu consigo só, graças a uma vida familiar quase monástica, em que a sociedade, a animação ruidosa e fácil dos salões, não entrou. Seu pai, homem de recursos, morando em casa própria, mas retraído, casmurro, quase insociável, não visitava pessoa alguma, nem recebia visitas- A família vivia como num claustro.

O tempo que passou interno no Colégio Abílio o qual muito contribuiu na formação de sua personalidade crítica, observadora e também desafiadora. Depois foi transferido para o externato do Imperial Colégio D. Pedro, berço educacional da alta sociedade carioca, local onde terminou seus estudos.

Desde cedo se envolveu com a produção literária, colaborando, ainda no colégio, com o jornaizinho manuscrito "O Archote", depois fundou a revista "As Letras", a qual serviu para discutir os temas da época e questões em discussão no país. Em 1880 publicou seu primeiro livro, *"Uma Tragédia no Amazonas"*.

Interessado pelos assuntos sociais aos poucos, se entregou a política, filiando-se ao Partido da Emancipação Nacional (nessa época o país convivia com

duas posições políticas: de um lado o Partido da Emancipação, do outro o Partido da Colônia) e sempre usando a palavra contra a Monarquia e os escravocratas, tornando-se abolicionista e republicano. Pompéia se desenvolveu culturalmente junto às mudanças causadas nos meios intelectuais influenciado pelas ideias de Comte, Spencer, Darwin, Haeckel, cujo conhecimento se fazia pela razão. Essas novas ideias mexeram com a realidade do Brasil, questionando os pensamentos da época. Era o momento de tentar ver tudo com mais objetividade, com a intenção de liberta-se dos sonhos para perceber o real.

Pompéia começa a cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1881 colaborando em várias revistas e jornais, a exemplo, a irreverente publicação "*A Comédia*" e a revista de caricaturas "*O Boémio*", na qual apresentou sua arte de desenhar, assinando suas ilustrações com pseudônimo Rapp. Nesse mesmo ano inaugura-se, o realismo/naturalismo, tendência artística que contagiou a segunda metade do século XIX. As publicações das obras "*O mulato*", de Aluísio de Azevedo, "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*" e "*O Alienista*", ambos de Machado de Assis, marcam decididamente esse estilo.

Com os acontecimentos histórico / cultural os folhetins ganharam espaço na imprensa, principalmente no Rio de Janeiro; e na "*Gazeta de Notícias*", a qual deu oportunidade ao jovem escritor. Em 1882, Raul começa a publicar uma novela - "*As Jóias da Coroa*", um panfleto satírico contra o Império e o Imperador.

Pompéia enfrentou diversos conflitos gerados por sua perfeição ao escrever seu textos. Sentia a dificuldade em trabalhar com a métrica e com as rimas levando-o a opção pela prosa poética. No ano de 1883 publicou no "*Jornal do Comércio*" alguns textos, os quais posteriormente e postumamente juntados ao trabalho de 12 anos de sua vida, resultaram na edição dos poemas em prosa das "*Canções sem metro*".

As influências da lutas sociais europeias e as leituras de conteúdos liberais e inovador contribuíram para a compreensão da triste realidade. Então usou a voz e a escrita na constante luta para impor suas ideias de liderança. Apresentou-se contra às injustiças, a miséria exposta nas ruas e a escravidão nos campos.

Em sua mocidade, Raul Pompéia viveu uma fase de tranquilidade, claramente percebida em seus textos. Quando se aproximou dos jovens na Academia, se mostrou excelente companheiro, espirituoso, disposto à luta. Contudo era sensível à menor ofensa, aspecto de sua personalidade que em

muitas oportunidades exposta de forma exaltada. Possuía um temperamento extremo, não teve "meias medidas", por sua crueldade a escravocratas, muita gente passou a considerá-lo perigoso, disposto a tudo.

Com o tempo seus textos eram reconhecidos pela agilidade nervosa e decisiva, atitude que mais tarde seria a característica mais marcante de sua atuação política.

Pompéia revelou o poeta rebelde que havia dentro de si, por isso escreveu a si mesmo como afirma Saramago (1992, p.90), relatou suas angustias, suas contrariedades, o progresso da língua atrelado ao status social e a dor de ter sua inspiração trancada, como prisioneira da história da sociedade brasileira. Essa sua revolta foi exposta em suas crônicas as quais o levaria a ser considerado o precursor de seus colegas modernistas.

Com a conclusão do curso, retornou à Corte. Dedicou-se a apoiar os abolicionistas e os republicanos, relatando os fatos em seus escritos no período de 1886 / 1889. Tais situações o levaram a uma vida política marcante, que lhe proporcionou a nomeação de diretor do *Diário Oficial*.

O romance que lhe consagrou na literatura, *O Ateneu* foi escrito nos anos 1886 e 1887 sendo publicado inicialmente em abril de 1888 em folhetins no jornal "Gazeta de Notícias" e logo publicado em livro no mesmo ano. Essa publicação causou as mais diferentes reações, houve tentativas de classificá-lo como realista naturalista ou impressionista, porém a única certeza da crítica foi dela se tratar de uma obra única em nossa literatura.

Raul presenciou acontecimentos como: a Abolição da Escravatura e, 1888, a Proclamação da República e a publicação da Constituição em 1891, com a eleição do Marechal Deodoro da Fonseca para presidente, com o vice o Marechal Floriano Peixoto. O Golpe de Estado, liderado pela Marinha, que levou ao governo Floriano Peixoto. Raul Pompéia, acreditando que o governo de Floriano mantivesse a República, decidiu apoiá-lo. Esta decisão lhe custou à inimizade de muitos, o que lhe abalou a personalidade, o tornando um homem solitário, isolado, gerando atitudes e tendências que beiravam o fanatismo.

Com isso o autor parecia ter esquecido a vocação literária propriamente dita e transformou-se num jornalista político-social. Um jornalista atrevido, de fibra, mas cada vez mais isolado. Escreveu artigos decisivos, de estilo direto, diferente

da sua escrita artística. Travou uma luta constante em seus momentos de solidão na busca da comunhão perfeita entre o esclarecimento e o sentimento de revolta.

O isolamento entre a intelectualidade não afastou de Pompéia o reconhecimento por sua cultura e talento nato para com as letras. Favorecido por sua posição florianista assumiu o cargo público de professor de mitologia na Escola de Belas Artes, escrevendo como colaborador do "*Jornal do Comércio*" e correspondente do "*Diário de Minas*". Também foi nomeado a diretor da Biblioteca Nacional, ápice de sua carreira burocrática. Com a morte de Floriano Peixoto, ao final de junho de 1895, logo perdeu o cargo de diretor, a ser acusado de desacatar o novo presidente da República Prudente de Moraes, devido ao discurso pronunciado durante o enterro do Marechal Floriano. Nessa ocasião o autor pronunciou um discurso exaltado, tido pelos críticos como ofensa pessoal ao presidente, o que lhe trouxe duras críticas.

Em outubro 1895, é publicado um artigo pelo jornal "*Comércio de São Paulo*", escrito por Luiz Murat, tendo o título provocativo "*Um louco no cemitério*", que além de criticar severamente o comportamento e o discurso do autor, resgatou antigas intrigas com Olavo Bilac, anti-florianista declarado, atacando sua moral com declarações de sua vida particular. Este artigo atingi intimamente Raul que sentindo-se humilhado desafia Bilac para um duelo, não concretizado por intervenção de amigos.

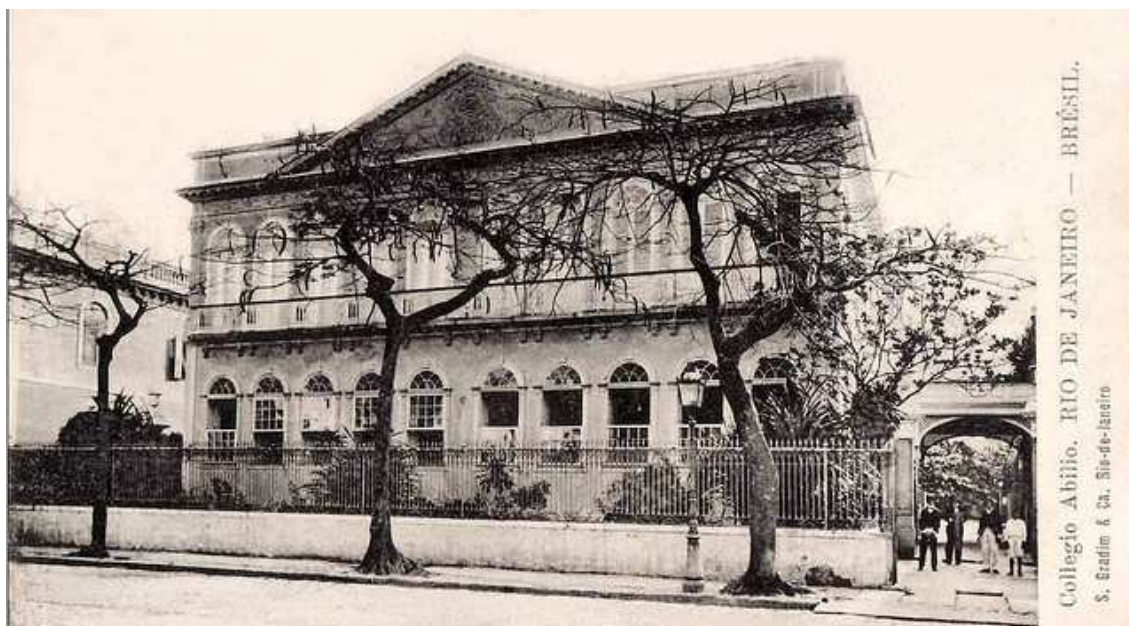
Já abalado psicologicamente e mais ainda com a rejeição de seu segundo artigo não publicado pelo o jornal da "*A Notícia*", Pompéia toma o fato como ofensa pessoal e rompe com o jornal.

Em 25 de dezembro do ano de 1895, com um tiro no coração, Raul d'Ávila Pompéia põe fim à sua vida, a qual é mencionada por Olívio MONTENEGRO (1935) no primeiro capítulo dedicado ao autor:

A vida de Raul Pompéia foi um tanto contraditória como a sua obra. Cheia de altos e baixos vertiginosos, e que levam a marca dos dois sentimentos que parecem ter dirigido a sua ação particular e pública - o de uma grande timidez e de um grande orgulho (...). O orgulho em Raul Pompéia nunca significou uma consciência de superioridade, uma certeza de si mesmo acima de toda oposição ou toda dúvida, dessas que dão ao homem a sua alegria mais feliz que é a alegria de viver. O seu orgulho foi antes uma forma de ambição: a ambição, talvez, de um domínio completo de si mesmo, a que nunca chegou homem nenhum senão pela fé. E foi a fé, parece, que faltou a Raul Pompéia para um melhor destino, a fé que havia nos seus pais, e que neles poderia vir a brotar em outros frutos de vontade e de inteligência.

Com esta atitude Raul Pompéia “encerra”, uma das vozes que mais retratava a face brasileira dentro de sua concepção crítica e artística. Deixou as seguintes publicações: *Uma tragédia no Amazonas* (1880); *Microscópicos* (1881); *As jóias da coroa* (1880); *O Ateneu* (1888); *Canções sem metro* (1900); *Prosas esparsas* (1920); *Cartas da Corte* (1959).

APÊNDICE B – COLÉGIO ABÍLIO



O Colégio Abílio, immortalizado como O Ateneu de Raul Pompéia, foi fundado em 1871, por Abílio César Borges, colégio modelo situado no bairro de Laranjeiras, o qual em seis anos foi transferido para o bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, devido ao sucesso alcançado, em busca de maior espaço e comodidade. Localizado próximo ao mar, bastante arborizado, ventilado, com jardim, grandes salas de aulas e toda uma inovação no que se referia à educação de seus alunos.

Com novas concepções de ensino, baseada no diálogo com os estudantes e na abolição do castigo físico, o que era completamente inédito, o Colégio Abílio que atendia a clientela, masculina, da alta sociedade da época, ficou conhecido não só no país como no mundo.

Na concepção de Souza (1925), Abílio César organizou o plano educacional de seu colégio em três anos: inicialmente os educandos receberiam noções gerais dos assuntos que seriam explorados nos anos seguintes; concluída esta etapa seriam introduzidas todas as disciplinas conforme o currículo estabelecido: recitação, escrita, doutrina cristã, aritmética, sistema métrico, desenho linear, história sagrada, geografia geral, história e geografia do Brasil, da cosmografia, além de rudimentos de ciências naturais, de filosofia de canto e de ginástica. No curso secundário, soube compreender que os estudos da língua nacional, da matemática e da história deviam constituir o seu núcleo fundamental.

Uma das normas estabelecidas era a condição de familiarização dos educandos, o amor ao próximo e aos estudos eram sempre incentivados. As lições morais iam sendo absolvidas conforme as situações decorrentes e as aptidões iam surgindo naturalmente, assim como as demais capacidades intelectuais. A linguagem e as explicações eram sucintas, acessíveis as crianças que sem perceber e sem situações constrangedoras, em pouco tempo aderiam às normas da escola.

Borges fazia questão de introduzir a família nos eventos escolar como os saraus literários, jogos e confraternização de finais de ano. As turmas eram formadas conforme a idade o que para Alves (1936), esta é uma modalidade preferencial de percepção sensorial – tipo auditivo ou visual, conforme tenha mais facilidade de apreender um ou outro, um modo de estimulação. Essas concepções estão sintetizadas no livro intitulado *A Lei Nova do Ensino Infantil*, de Abílio Borges publicado em Bruxelas no ano de 1884, cujos principais tópicos são: exclusão absoluta dos castigos físicos e dos prêmios escolares, das lições teóricas de moral.

Borges desenvolveu seu trabalho buscando a participação ativa do educando na construção de seu conhecimento e para isso eles tinham contato direto com o material a ser trabalhado. Valorizava o ensino da língua viva e da racionalidade dos programas didáticos.

Abílio colocou em prática o método Macaúbas de alfabetização e o aparelho escolar múltiplo. O método Macahubas de Alfabetização era baseado na silabação, proporcionando condições para os alunos assimilarem o sentido dos vocábulos e irem e adquirindo o som da palavra, a adaptação fisiológica dos órgãos vocais.

Observando a dificuldade enfrentada pelos educandos na disciplina de matemática, a qual denomina este processo de ruindade, Abílio ressalta que o ensino da matemática deve ser realizado conforme a utilização na vida; aprendendo como o método analítico e sempre com exemplos práticos.

Em uma de suas visitas à Europa, observou a utilização do contador mecânico e de volta ao Brasil, não só mandou construir um deles, para uso no seu colégio, como desenvolveu e construiu o aritmômetro fracionário, obedecendo aos seguintes princípios: As primeiras lições de frações devem ser exclusivamente orais e com objetos concretos; os exercícios escritos só serão realizados depois de

compreendidos em concreto; quando familiarizado com as operações simples é que deve-se seguir com as mais abstratas e complicadas.

Borges (1884), diz que os procedimentos da ciência do cálculo devem acontecer com a ideia do número representado em objetos presentes, depois com objetos ausentes e o valor do número sem representação, apenas na imaginação.

O aparelho, criado por Borges, previsto para ser inicialmente apenas um arithmometro fracionário, passou a ser, após a introdução de vários outros componentes, um aparelho denominado por Abílio de Aparelho Escolar Múltiplo, pois possibilitava o ensino de frações, sistema métrico decimal, leitura (inclusive para adultos analfabetos), numeração escrita, leitura de pauta musical, cálculo de sólidos geométricos e ópticos.

O Colégio Abílio teve seu marco diferencial no século XIX devido à dedicação de seu administrador e professor que não cessava de buscar conhecimentos e pô-los em práticas tendo também a acessibilidade influências mundiais que visavam uma Educação diferenciada. Observando que a aprendizagem acontece na base da integração e do concreto. Por isso que em sua escola o educando era disciplinado do físico ao espiritual, sem repressões e sendo cativado ao amor pela escola e aprendizagem.

APÊNDICE C – ABÍLIO CÉSAR BORGES



Abílio César Borges foi um dos maiores contribuídores da Educação brasileira. Conhecido como Barão de Macaúbas e consagrado no famoso diretor Aristarco, da Narrativa O Ateneu, recebe seu reconhecimento por sua confiança e dedicação ao magistério no século XIX.

Abílio César Borges nasceu no povoado de Macaúbas pertencente à Vila de Minas do Rio de Contas, na Bahia, em 9 de setembro de 1824. Em 1841, entra para a Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1847 no Rio de Janeiro. Desde acadêmico, de medicina, já exercia a atividade docente, orientando por cinco anos alunos em curso preparatório. Retornando à Bahia e dedica-se ao Magistério. Foi um dos fundadores e presidente do Instituto Literário da Bahia, local de encontros e descobertas da literatura brasileira. Iniciou sua carreira médica como cirurgião, fixando morada na cidade de Barra, as margens do rio São Francisco, fundando seu primeiro colégio, O Atheneu Barrense. Anos depois abandona a medicina volta-se exclusivamente a Educação.

Ao residir em Salvador exerce a função de Diretor Geral da Instrução Pública da Província da Bahia, defendia a melhoria das condições de trabalho para os professores: renumeração, direito a pensão a familiar em caso de morte, prêmios e penalidades, biblioteca para corpo docente, participação no Conselho de Instrução. Contudo, decepcionado por não ver suas ideias posta em práticas exerceu a função apenas por dois anos. Após deixar o cargo, fundou, em 1858, o Gymnasio Bahiano, que dirigiu até 1870, quando transferiu-se para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro fundou os Colégios Abílio e Novo Abílio. Instalou outro Colégio Abílio em Barbacena Minas Gerais. Realizou diversas viagens à Europa, a fim de aperfeiçoar seus métodos pedagógicos, de forma a torná-los aplicáveis aos

seus trabalhos. Fundou a "Sociedade Libertadora 7 de Setembro", que publicava o jornal "*Abolicionista*". Pertenceu à Academia Filomática, foi diretor geral do ensino na Bahia, membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, além de muitas outras entidades lítero-científicas no Brasil e na Europa.

Com o sucesso de sua dedicação profissional é nomeado representante do Brasil no congresso em Buenos Aires. Dez anos após recebe o título de Barão de Macaúbas concedido por Dom Pedro II como reconhecimento de seus méritos na Educação, mérito este, único, no que diz respeito a brasileiro que o recebeu por dedicação a ciência.

O Barão era um diretor que influenciado pela revolução intelectual da Europa e da América buscava o movimento para a popularização da educação de forma universal com dedicação geral à ciência. Suas ideias, na época, eram inovadoras na educação brasileira: não aceitava qualquer espécie de castigo físico; realizava torneios literários; culto ao civismo, etc.

Criou um método de aprendizagem de leitura que denominou de Leitura Universal, para facilitar o estudo das primeiras letras. Abriu vários cursos públicos gratuitos de leitura, (frequentados por pessoas carentes, soldados e marinheiros. Dava aulas no Quartel General, que foram assistidas, muitas vezes, pelo Imperador e pelo Ministro Alfredo Chaves, que não lhe poupavam elogios). Convencido de que assim prestava o melhor serviço ao país. Considerava o analfabetismo como o maior mal do país e conseguia no mínimo espaço de tempo que os adultos aprendessem a ler pelo seu referido método.

Proferiu na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, 1883, duas extraordinárias conferências acerca do Arithmometro Fracionário, de sua invenção, e sobre a Lei Nova do Ensino Infantil, concedendo-lhe o título de primeiro reformador do ensino público e particular no Brasil. Em 1889, recebeu a medalha de ouro na Exposição Internacional de Paris, por exibir trabalhos escolares, obras didáticas e inventos, entre os quais os aparelhos: cosmográfico, escolar múltiplo e o fracciometro ou contador mecânico de operações sobre quebrados; tendo ainda representado o Brasil no Congresso dos Americanistas.

O governo de Pedro II, como reconhecimento a seus serviços prestados à instrução popular brasileira, agraciou-o com o *Hábito da Ordem de Cristo* e a *Comenda da Imperial Ordem da Rosa*; e Sua Santidade o Papa Pio IX conferiu-lhe o grau de *Comendador da Ordem de São Gregório Magno*, de Roma.

A direção que ele deu à educação foi baseada em formular métodos, projetar livros e adaptando-os a idade dos alunos a exemplo de Os Lusíadas e por ser um dedicado, na formação de homens, doou toda a sua vida à infância e adolescência no exercício do magistério e da educação.

Defendia que a criança devia ser guiada para ser educada e nunca contida. Muitas de suas ideias em relação aos programas, currículos e métodos de ensino mostraram uma penetração rara e de grande avanço para a época. Abílio batalhou por um ensino inteligente e prático, pelo ensino direto das línguas vivas, contra os programas excessivos e absurdos, contra o ensino direto de regras de moral e, no curso secundário, soube compreender que os estudos da língua nacional, da matemática e da história deviam constituir a essência fundamental.

Foi um dos primeiros a chamar a atenção do Governo para a educação das pessoas com deficiência e a criação de uma *Cadeira Linguagem Articulada* para os surdos-mudos.

Abílio César Borges morreu em 16 de fevereiro de 1891 e deixou uma grande produção escrita: a tese inaugural; relatórios, conjuntos de discursos; dez livros; treze textos didáticos; dois estatutos de suas escolas; uma dissertação; uma conferência; um conjunto de material contra o castigo físico na escola e, finalmente, um conjunto referente à campanha pela melhoria do ensino no Brasil. Alguns destes materiais foram publicados na Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paris, Bruxelas e Antuérpia. Esta atuação reflete a extrema preocupação do prof. Abílio, "o amigo dos meninos", com a criação de meios para facilitar o processo de aprendizagem, atitude que se destaca nos século XIX. Acreditava ele na importância de desenvolver a capacidade de observação das crianças, não lhes impondo a obrigação de aprender, mas sim provocando-lhes o amor pela escola.

Mas apesar de tanta dedicação e reconhecimento de seu trabalho com o apagamento de seus colégios sua teoria, obra de seu pensamento, que estava toda centrada em método de transformação da educação, caiu quase no esquecimento e mal é lembrada na área a qual dedicou sua vida: Educação, salvo pelo material escrito e imortalizado em "O Ateneu", uma obra que mostrou o quanto o mesmo se empenhava na educação. Na verdade, em uma figura de ficção, em que foi representado pelo romancista Raul Pompéia, pode ser observado o seu pensamento e trabalho os quais eram admirados por autoridades, colegas e estudiosos.